

Aveso da publicidade: Deusxs - uma proposta fotográfica e crítica de desnaturalização dos discursos relacionados ao gênero¹

Júlia Facure FERNANDES²
Gleydson de Lima ARAUJO³
Wagner RIZZO⁴
Havane de MELO⁵
Jairo MACEDO JÚNIOR⁶
Guilherme Di ANGELLIS⁷
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O presente artigo busca problematizar o gênero nas relações de poder que envolvem os diversos discursos por meio da apresentação e da análise do ensaio fotográfico “Deusxs - Mito do Gênero”. Pretende-se, também, refletir sobre a possibilidade de uma nova perspectiva de representação da identidade complexa do ser pós-moderno. Concluímos nesse artigo, que é possível expôr o tema de uma forma mais empática e aberta ao diálogo e que, como comunicólogos, temos o papel de pensar além das fronteiras e abrir espaços para as infinitas possibilidades de expressão do gênero articulando por meio do discurso midiático.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Gênero; Teoria queer; Comunicação; Sexualidade.

INTRODUÇÃO

Os discursos são criados e reproduzidos dentro de uma cultura, sendo responsáveis por construir o imaginário social. Eles fazem uso de diversas narrativas e simbologias para que diferentes fenômenos sejam explicados e se deduza uma possível justificativa para a existência de tudo.

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Projeto transdisciplinar, modalidade Ensaio fotográfico artístico.

² Estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: julia.facury@hotmail.com.

³ Estudante do 6º. Semestre do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: gleydsondelima.a@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: wagner.rizzo@gmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Monitora do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: linoaoaleu@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Monitor do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: jairomacedojr@gmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Monitor do Curso Comunicação Social – Publicidade e Propaganda,
Email: g.diangellis@hotmail.com

Os discursos reafirmam esse imaginário nas diversas estruturas sociais e naturalizam o mesmo que este ainda seja passível de ser contestado pela própria natureza. É por meio principalmente deles que as identidades do ser humano são construídas, pautadas e validadas, portanto são eles uns dos maiores responsáveis por oferecer ao ser as possibilidades de se tornar humano.

Se partimos para problematizar esses discursos num contexto pós-moderno, não vai ser difícil perceber suas limitações. Em um cenário em que as identidades que o sujeito pode assumir são cada vez mais complexas e fluidas (HALL, 2005) e no qual é possível compreender a construção dessas identidades ultrapassando os limites biológicos, se evidencia cada vez mais a deficiência desses discursos em abarcar todas essas novas possibilidades.

Quem se arrisca a ultrapassar essa lógica biológica continua a ter sua identidade negligenciada e estigmatizada e esse exemplo só reforça como as opções legítimas oferecidas pelo imaginário social não refletem as identidades que o ser humano pós-moderno pode assumir. O discurso mitológico, entendido como um dos maiores produtores desse imaginário, hoje não mais consegue explicar os fenômenos pelos quais um humano cada vez mais complexo é submetido. Faz-se necessário desnaturalizar esses imaginários, mostrar o papel dos processos sociais na construção do sujeito e apresentar novas propostas de representação das diversas identidades consideradas incoerentes e desvirtuantes.

Por que essas identidades não têm espaço? Onde, então, elas têm? Como representá-las? A partir da perspectiva de autores como Foucault, Guacira Lopes Louro e Judith Butler, esse trabalho procura analisar e demonstrar a produção do ensaio fotográfico “Deusxs - Mito do Gênero” realizado na disciplina Laboratório de Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília do 1º semestre de 2015, partindo de uma perspectiva que procura fugir da lógica binária determinista e propõe representar e entender as diferentes maneiras de se expressar as identidades de gênero.

2 OBJETIVO

A proposta desse artigo é partir da apresentação do processo de produção do ensaio e da análise do mesmo para expôr o cenário construtivo onde as identidades se formam e refletir sobre o gênero como um ato performático, tanto no âmbito artístico quanto fora dele, trazendo reflexões pautadas na teoria *queer* e nas ideias de Judith Butler. Pretende-se enfatizar, como

proposto por essa teoria, a “multiplicidade dos eixos de diferenciação pelos quais os indivíduos são atravessados, e como esses eixos se cruzam e se conectam” (PINO, 2007, p. 162).

Todavia, não temos como objetivo propôr um modelo ou exemplo, e sim desestabilizar certezas e provocar novas percepções (LOURO, 2004). Nosso intuito não é de seguir um modelo de desconstrução - apontado por Jagose (1996 apud PINO, 2007, p. 162) como um procedimento que cria e naturaliza as identidades e as relações de poder que as constituem - e sim da desnaturalização das identidades que são socialmente instituídas e mantidas (BUTLER, 2003).

3 JUSTIFICATIVA

Durante séculos, o órgão sexual foi a resposta para o que a ciência ditava como verdadeiro sexo (LEITE JUNIOR, 2006) e esse processo criou centenas de rótulos e classificações. Mas, a partir da segunda metade do século XX, a revolução sexual e as crescentes discussões sobre gênero trouxeram à tona elementos fundamentais para a moderna compreensão da sexualidade humana: a distinção entre o aparelho fisiológico, a identidade de gênero e a orientação sexual (LEITE JUNIOR, 2006, p. 261), que, quando discutidas juntas proporcionam uma reflexão menos binária e mais real do que somos.

Não somos o que, mesmo antes de nascermos, fomos determinados a ser. Perguntas como “É menino ou menina?” denunciam como a identidade de gênero, mesmo antes de irmos ao mundo, é fator primordial para nos identificar (BUTLER, 2003 apud PINO, 2007). É ela que nos nomeia e nos valida como seres humanos. A exemplo dos indivíduos intersex que nascem com “órgãos reprodutivos e anatomias sexuais que não se encaixam na típica definição de masculino e feminino” (PINO, 2007, p. 153) e são sujeitos a cirurgias corretivas para terem sua identidade autenticada.

Essa autenticação é reiterada continuamente por diversos agentes sociais. Ela começa desde a educação em casa, passando pela escola e é permeada pela cultura midiática, que modela opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material para que as pessoas forjem suas identidades (KELLNER, 2001).

Estudando a ideia de imaginário social proposta por Durand (1998), inspirada em Jung (2000) e a problemática do gênero no pós-modernismo trabalhada por Butler em sua obra, é possível entender como nesse cenário a ordem compulsória que conecta um sexo a

um gênero a um desejo heterossexual é reafirmada por meio de diversos arquétipos, entendidos como imagens simbólicas e incrustadas no inconsciente coletivo humano (JUNG, 2000). Eles criam e estabelecem essas estruturas de representação que produzem uma falsa noção de estabilidade dentro dessa matriz e erroneamente são mantidas como fixas (BUTLER, 2003).

Somos construídos por diversos processos sociais e não temos como dada ou fixa nossa identidade social. Percebemos isso por meio da denúncia ao essencialismo feita por filósofos como Foucault (1999). Entretanto, também fica cada vez mais evidente que as possibilidades e os espaços legítimos que lhes são oferecidos para formar sua identidade ainda são muito reduzidos, isso porque a “voz que se fizera ouvir até então havia sido a do homem branco heterossexual” (LOURO, 2008, p. 20), fator que inibiu e continua a inibir o espaço daqueles que são considerados desviantes.

Na tentativa de dissolver a dicotomia sexo *versus* gênero e abrir espaço para aqueles que subvertem os padrões e frequentemente são submetidos a um processo pedagógico contínuo “para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade ‘legítimos’” (LOURO, 2003, p. 16), encontramos na teoria *queer* fundamentos que permitiram entender a fluidez da identidade do homem pós-moderno e, portanto, representar aqueles que têm reconhecimento social negado.

Judith Butler foi uma das autoras *queer* que mais fomentaram a reflexão com relação ao trabalho desenvolvido. Passamos então, a partir de suas ideias, a entender as identidades de gênero como uma “reiteração forçada e repetida das normas de gênero em atos, representações e comportamentos” (PINO, 2007, p. 159), ou seja, como uma realização performática. E considerando o gênero uma performance, foi possível encontrar as possibilidades de contestar sua fixidez nas identidades e passar a enxergá-lo como um situação histórica ao invés de um fato natural (BUTLER, 1993).

Outro referencial de bastante importância ao trabalho desenvolvido foi o que envolve o discurso mitológico e é discutido por Jung (2000). Na analogia com os mitos gregos, segundo o autor, podemos entender melhor os arquétipos e como eles funcionam no indivíduo e no coletivo (JUNG, 2000). É também nesse discurso que encontramos uma grande carga simbólica que possibilitou a desconstrução das representações e o caminho para se desnaturalizar as identidades hoje estigmatizadas.

A partir de toda essa reflexão tornou-se evidente a emergência em se desconstruir os arquétipos, desnaturalizar os discursos que marginalizam tudo o que não se encaixa em seus sistemas de representação binária sexual e apresentar uma nova perspectiva acerca do corpo sexuado desvirtuado da identidade de gênero e do desejo heterossexual por meio do ensaio fotográfico proposto. Faz-se necessário, então, que cada vez mais a identidade de gênero seja representada como nada mais que um conjunto de reprodução e dramatização de uma situação histórica (BUTLER, 1993), portanto, uma performance, realizada aqui por meio de um ensaio fotográfico.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A metodologia para a produção do ensaio se inicia partindo de toda a reflexão fomentada principalmente pela a leitura de Guacira Lopes Louro e Judith Butler. As ideias dessas autoras foram o primeiro passo para que fosse possível enxergar a emergência da reflexão sobre o papel do estudante de comunicação, futuro comunicólogo e articulador do discurso midiático, na abertura de espaço para a representação das diversas identidades, principalmente as de gênero.

Observar como esse assunto é trabalhado na publicidade, na moda e na produção audiovisual deu sequência ao processo de escolha do ensaio fotográfico como uma alternativa para se discutir a temática em um espaço acadêmico e expandir esta discussão para fora dele. Documentários como “Dzi Croquettes” (2009) colaboraram para compreender melhor o gênero como um ato performático; as campanhas publicitárias do sorvete Magnum - “*Be true to your pleasure*”⁸ e da marca de roupas American Apparel - “*Meet the queens*”⁹ permitiram entender o espaço que o fenômeno *drag queen* vem ganhando e como ele podia ser trabalhado no discurso midiático; editoriais de moda que utilizavam modelos andróginos como o “*Uniformen and Drama*”, de Giampaolo Sgura para a *Candy Magazine* (2013), também foram inspirações para que mais possibilidades de se apresentar a temática do gênero fossem descobertas.

⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=SjHRbQ3WWCE>. Acesso em 10/07/2015

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1mhNedNUAa4>. Acesso em 10/07/2015

Partindo dessas referências e de novas pesquisas, iniciou-se o processo de desenvolvimento de um conceito para embasar e dar continuidade ao processo de produção fotográfica e à criação de um produto em que a ideia pudesse ser aplicada.

A proposta conduzida pela identidade dos indivíduos negligenciados estudados de ultrapassar as barreiras inteligíveis do ser humano, assim como o aprendizado do mito e dos diferentes arquétipos na produção publicitária por meio da leitura de Randazzo e Fondelli (1997), forneceram o *insight* necessário para que a mitologia grega se tornasse impulsionadora para o desenvolvimento conceitual das fotografias. Foram selecionados doze deuses para que seus arquétipos fossem discutidos, suas identidades desconstruídas e posteriormente reconstruídas na produção de doze fotos ao longo de uma semana, por uma equipe de dezenove alunos em um estúdio da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Produziram-se rascunhos e *layouts* para se delimitar como a proposta seria traduzida de forma visual por meio de cores, símbolos, figurinos, maquiagens e cenários. A partir desta delimitação, foram convidados, em grupos de redes sociais ou indicados por alunos da turma, alguns modelos para o trabalho. Destes, selecionamos onze modelos e cinco figurantes que fugiam das representações comuns e se adequavam a proposta das fotografias. O calendário como um suporte para o material também foi discutido em sala de aula e escolhido após ser identificado como um produto que conquista espaços cotidianos de forma mais natural e branda, como nem sempre a moda, a publicidade e o audiovisual conseguem.

Buscando aperfeiçoar o resultado do trabalho a fim de adequá-lo à proposta inicial, também foram convidados grupos voluntários para elencar palavras-chave a cada uma das fotos e ao ensaio como um todo sem que houvesse nenhuma explicação conceitual da produção. Foram observados alguns ruídos de comunicação que alertaram para a necessidade da correção de erros na mensagem visual com o uso de *softwares* de edição de fotos e a mudança da ordem de apresentação das fotografias.

Percebendo a importância desta técnica na garantia de se traduzir o conceito de forma clara, utilizou-se novamente com alterações mais expressivas. Foram utilizadas as fotos editadas e apresentadas novas sequências de fotografias aos grupos de estudantes da faculdade a fim de verificar qual produziria melhor o significado proposto.

Decidiu-se, por fim, uma sequência final com as fotos alteradas que evitava desvios simbólicos e resultava em palavras-chaves mais próximas de “gênero”, “sexualidade” e “mitologia”, alcançando assim o resultado esperado.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O ensaio fotográfico contou com a produção de doze fotos representando doze divindades da mitologia grega. Afrodite, Ares, Artemis, Atena, Apolo, Dionísio, Poseidon, Hades, Hermes, Hefesto, Hera e Zeus tiveram suas representações e identidades de gênero clássicas reconstruídas para aplicação em um calendário. A produção contou com modelos andróginos, fisiculturistas, gordas, *butches*, travestis, velhas e outras identidades que têm pouca representatividade nos discursos.

Para esse artigo, foram selecionadas três fotos que conseguem representar três padrões identificados no processo de reconstrução dos deuses. A fotografia de Zeus representa um padrão - também identificado nas fotos de Atena, Artemis, Apolo e Hades - de não ultrapassar o gênero original da divindade e de trazer uma nova possibilidade de expressão do feminino e do masculino. Já a de Dionísio subverte a representação original e - tal qual as fotografias de Afrodite, Poseidon, Hefesto e Ares - apresenta uma representação cujo gênero é totalmente diferente do original. A representação de Hermes, por fim, segue um padrão de recontextualização com significantes que adaptam a personagem para os tempos modernos - como também ocorre na foto de Hera.



Zeus / Hermes / Dionísio (2015)

Zeus foi o deus escolhido para abrir o ano. Ele representa a chegada das novas mudanças e de novos paradigmas, tal qual em sua história no mito grego. Sua representação é clássica: um deus sentado em um trono com um cetro, de postura imponente e olhar cerrado com uma toga cobrindo seu corpo. Na proposta do trabalho, entretanto, ele surge como uma figura que é representada como um homem mas que não nega seu lado feminino. Ele usa maquiagem, cobre seus “seios”, tem cabelos longos e lisos, mas ao mesmo tempo usa barba, tem pêlos no corpo e um olhar intimidador. No lugar de seu cetro em forma de raio, agora ele segura um cuja extremidade carrega o símbolo que representa a diversidade de gênero, inaugurando assim uma nova proposta de panteão.

Hermes aparece como um *hacker* do século XXI com sua identidade escondida por um capuz, enrolado em um emaranhado de fios e carregando um computador portátil. Suas clássicas asas foram mantidas, porém modernizadas como acessório de suas vestes e sua identidade de gênero agora é duvidosa, tal qual as identidades que são possíveis de se assumir no mundo virtual. Hermes não deixa claro seu gênero e provoca o observador.

Dionísio é a representação de uma das várias alternativas de subversão de gênero. Ele é mulher, negra e não tem o corpo perfeito. Indo de encontro ao imaginário social, ele ainda sendo mulher exerce sua sexualidade de forma livre com muitos indivíduos que não possuem face e tocam seu corpo de forma visceral. Essa fotografia em especial chamou a atenção pela associação ao estupro durante as sessões de exibição do ensaio aos voluntários, mostrando o quanto a sexualidade feminina ainda é velada por tabus e o quanto o livre acesso ao prazer feminino aparenta ser um perigo a própria mulher.

6 CONSIDERAÇÕES

Em um cenário pós-moderno, os discursos são pelo que se deve lutar e onde essa luta deve acontecer (FOUCAULT, 1999). Inúmeros deles entram nesse campo de batalha e intensificam as relações de poder. O discurso midiático, tendo acesso e controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, a publicidade e os jornais, se configura como um dos que tem mais capacidade de invisibilizar e ressignificar os demais discursos. É por meio principalmente dele que os indivíduos encontram modelos para estruturar suas identidades (KELLNER, 2001). Porém são justamente esses padrões que mais prejudicam

aqueles que não os seguem, levando esses seres a perderem um grande espaço de representação e continuarem à margem do social.

Um travesti pode entreter, ser aplaudido e compreendido quando no discurso artístico, mas se ele ultrapassa as barreiras da arte e se insere no cotidiano, o que era lúdico se torna real e pode gerar raiva, medo ou até mesmo violência (BUTLER, 1988, p. 527). Por meio da fotografia essa barreira não é quebrada, mas torna-se possível a abertura de um espaço para se representar as identidades desviantes de uma maneira branda no meio desse terreno de disputa.

Entendemos, portanto, que as fotografias produzidas, mesmo tendo seu valor artístico, se configuram como impulsos para o movimento, como os corpos travestis (LOURO, 2004). Assim como eles, o ensaio surge como uma ampliação das possibilidades de ser e de viver, propõe pensar para além dos limites conhecidos e pensáveis e interrompe a comodidade. Ele permite que as identidades ali representadas sejam compreendidas através de um ato performático fotografado.

Ainda que seja visto como teatral, o ensaio abre espaço para que o debate sobre as questões de gênero seja menos lancinante e mais sujeito a resultar em mudanças no cotidiano. Essa reflexão precisa invadir gradativamente novos espaços, principalmente os que envolvem o expressivo discurso midiático, e trazer à tona representações dos que vivem e ultrapassam as fronteiras da lógica binária.

Propômos, por fim, uma maneira mais empática de enxergar os discursos, percebendo o quanto somos afetados e afetamos ao reproduzirmos se não pensamos no que estamos naturalizando ao fazer isso. Devemos nos dar conta do nosso papel como produtores ou reprodutores de significados e do nosso poder de escolher permanecer ou mudar estruturas que não mais representam a pluralidade do ser pós-moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Bodies that matters: on the discursive limits of “sex”**. New York, Routledge, 1993.

_____. **Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory**. Theatre Journal, Vol 40, No 4 (Dec., 1988) pp. 519-531.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

FOUCAULT, Michael. **A Ordem do Discurso**. Versão traduzida, 5ª edição. São Paulo; Loyola, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

KELLNER, Douglas. **A cultura da Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP. EDUSC, 2001

LEITE JUNIOR, Jorge. **Das maravilhas e prodígios sexuais: A pornografia "bizarra" como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pró-Posições, v. 19, n. 2(56) - maio/ago. 2008.

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Edição. Petrópolis; Vozes, 2003.

_____. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINO, Nádía Perez. **A teoria *queer* e os intersex: experiências invisíveis de corpos desfeitos**. Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007: 149-174.

RANDAZZO, Sal; FONDELLI Mario. **A criação de mitos na publicidade: Como os publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso**. Rocco, 1997.